

## **ALTERNATIVAS APRESENTADAS PELOS PROFESSORES PARA O TRABALHO COM A LEITURA EM SALA DE AULA**

RAQUEL MONTEIRO DA SILVA FREITAS (UFPB).

### **Resumo**

Essa comunicação objetiva apresentar dados relacionados ao plano de trabalho Práticas de leitura de professor que está inserido no projeto Práticas escolares de leitura e discursos sobre a leitura, coordenada pela Professora Doutora Maria Ester Viera de Sousa. Especificamente, temos como sujeito o professor de escolas públicas e privadas da cidade de João Pessoa – PB, investigando o que ele diz sobre a leitura, do ponto de vista de suas práticas de leitura e de sua atuação como formador de leitor. Nosso objetivo específico neste trabalho é apresentar, através de dados quantitativos e qualitativos, as alternativas apresentadas pelos professores para o trabalho com a leitura em sala de aula. Pretendemos discutir as atividades que os professores dizem realizar em sala de aula, sobretudo, quando reconhecem as dificuldades de seus alunos em relação à leitura. Em geral afirmam que os alunos não lêem, apresentam problemas de compreensão textual, muitas vezes apenas decodificando o texto. Nesse sentido, afirmam que têm de procurar alternativas para melhorar o processo de leitura e interpretação dos textos. De maneira geral, podemos constatar que há uma quantidade significativa de alternativas apresentadas pelos professores para se trabalhar a leitura em sala de aula para dar conta das dificuldades encontradas. Essas alternativas de trabalho apresentadas pelos professores serão nosso objetivo de investigação nessa comunicação, partindo da compreensão de que a leitura é um processo gradativo que carrega consigo degraus a serem alcançados e que oferece ao leitor a oportunidade de ir além cada vez que lê. Para isso, é papel do professor e da escola, como instituição, incentivar seus alunos, através de atividades que os auxiliem e os encaminhem de forma gradativa a alcançar o patamar almejado.

### **Palavras-chave:**

Leitura, Professor, atividades de leitura em sala de aula..

### **Apresentação**

O presente trabalho é um recorte do plano de trabalho **Práticas de Leitura de Professor** que está inserido na Pesquisa *Práticas Escolares de Leitura e Discursos sobre a leitura*, no qual trabalhamos como bolsista (PIBIC - CNPQ), sob orientação da Prof. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa. A pesquisa possui como objetivo geral "levantar e analisar a produção e a circulação de práticas de leitura no âmbito das instituições escolares." (SOUSA, 2007). O nosso plano de trabalho no interior dessa pesquisa se preocupa em levantar, quantificar e analisar dados, acerca do discurso do professor sobre suas leituras e as de seus alunos. Em outras palavras, investigamos as leituras dos professores; com que frequência dizem ler; o que dizem sobre seus alunos enquanto leitores; que atividades realizam com seus alunos e quais suas concepções em relação à leitura. Para tanto, utilizamos um corpus do referido projeto de pesquisa, composto de 50 entrevistas estruturadas (um questionários com várias perguntadas) a que os professores responderam por escrito.

Os dados nos quais nos basearemos para este trabalho referem-se a uma das perguntas constante desse questionário sobre o trabalho de leitura que os professores dizem realizar com seus alunos em sala de aula. Especificamente, pretendemos discutir as alternativas que eles têm apresentado diante de problemas

de compreensão e interpretação textual por parte dos alunos no ambiente escolar de um modo geral.

Entendemos que a leitura é um processo gradativo que carrega consigo degraus a serem alcançados e que oferece ao leitor a oportunidade de ir além cada vez que lê. Para isso, é papel do professor e da escola, como instituição, incentivar seus alunos, através de atividades que os auxiliem e os encaminhem de forma gradativa a alcançar o patamar almejado. Os PCN's de 1ª a 4ª série, por sua vez, contribuem com essa afirmação:

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCN, 1997, p.26)

A leitura, segundo Orlandi (1988, p. 9), está diretamente ligada à aprendizagem, é fundada de muitos conceitos polissêmicos e pode ser entendida desde a decodificação até a atribuição de sentido:

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.

Segundo Zilberman & Lajola (1996), a leitura no Brasil se configurou sob um processo lento e dificultoso, apresentando-se de diversos modos em nossa sociedade. Debaixo da precariedade e pouca quantidade de escolas, especificamente no início do século XIX, com a chegada da imprensa no país, o acesso à leitura na escola era restrito a uns poucos alunos da classe dominante que a freqüentavam. Levamos em consideração que todo o processo que afetou a leitura no Brasil ao longo dos anos influenciou e tem influenciado as concepções de leitura, a realidade das escolas nos dias atuais e a própria concepção de leitor.

### **Alternativas apresentadas pelos professores para o trabalho com a leitura em sala de aula**

Nas entrevistas com os professores, dentre as várias perguntas formuladas, um dos questionamentos que foi: Quando você identifica problemas

relacionados à compreensão de textos, que alternativas você tem adotado? É importante informar que, no conjunto das respostas apresentadas, havia muitas alternativas que se repetiam. Em função disso, a partir dos dados obtidos, para uma maior compreensão das considerações que faremos, classificamos essas alternativas e as quantificamos em porcentagem:

<b>ALTERNATIVAS APRESENTADAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
• Fazem diálogo com questionamentos	34%
• Diversificam os textos	26,5%
• Fazem releitura dos textos trabalhados	24,4%
• Encaminham para grupos ou reforço escolar	12,2%
• Fazem grupos de discussão entre os alunos	4%

Vejamos alguns depoimentos, de diferentes professores, que refletem os itens na ordem em que foram acima apresentados:

*A alternativa tem sido a do diálogo, da busca de sentido do que se lê, através de perguntas, questionamentos, relacionamento com o conhecimento de mundo que eles já possuem.*

*O uso de vários tipos textuais, vários gêneros como: música, parlendas, receitas, e principalmente livros paradidáticos.*

*Peço que retome (sic) o texto e procuro ajudá-lo na interpretação.*

*Os alunos que apresentam essas dificuldades têm sido encaminhados ao Projeto Ande na Faixa (oferecido pela própria escola); tenho conversado com eles - particularmente - e com os próprios pais.*

*Eu tenho adotado os agrupamentos produtivos, pois os mesmos têm proporcionado a interação entre os alunos.*

No primeiro depoimento, podemos verificar que o professor preza pela compreensão real do texto pelo aluno, através de questionamentos e da busca de relações com o conhecimento de mundo que o aluno já possui. Como afirma (LAJOLO, 2004), se o texto não dá sentido ao mundo (do aluno), não há nele sentido algum. Geralmente é o que acontece quando o aluno não compreende o texto. Se não há como estabelecer relação com o seu próprio mundo, esse texto será vazio de sentido.

Levar o aluno a fazer essa ligação entre seu mundo e o mundo do texto é de responsabilidade da escola, mais diretamente do professor, pois é através dele que o aluno terá contato com o texto, pelo menos na fase inicial de leitura. Acreditamos que essa estratégia do professor poderá contribuir para a formação de um aluno leitor mais consciente da sua própria capacidade de leitura.

Quanto à segunda alternativa, aqui representada pelo segundo depoimento, acreditamos que ela apresenta-se bastante vaga. Podemos observar que o professor, ao diversificar os textos, não garante ao aluno a compreensão do texto trabalhado. De acordo com os PCN's do ensino fundamental:

Texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. (...) Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (PCN, 1997, p.25)

Se o texto só é texto quando é capaz de ser compreendido, mudar ou diversificar os textos não permite ao aluno entendê-lo, mais especificamente quando há mudança de gênero. Cada gênero possui sua peculiaridade, não devem ser trabalhados da mesma forma. Pode até ser que o aluno interprete e compreenda esses outros gêneros textuais trazidos pelo professor, mas aquele outro que não ficou compreendido? Passará despercebida a apreensão do aluno em relação a esse outro texto que se pretendia trabalhar anteriormente.

Naturalmente, não estamos questionando o fato de o professor trabalhar diferentes gêneros em sala de aula. A diversificação de "tipos e gêneros textuais" em si é positiva e necessária, pois permitirá ao aluno o contato com outras fontes de leitura, como bem comentam os PCN's.

Como observado no quadro apresenta e no terceiro depoimento, 24,4 % dos professores sugerem como atividade a releitura. Essa atividade em sala de aula é de fundamental importância. No entanto, é preciso observar o que se faz após essa nova leitura do texto. Espera-se que essa segunda ou outras leituras que se faz do texto tenham objetivos definidos pelo próprio professor. A releitura por si só não garante a compreensão do texto, seria necessário algo mais do que retomar. Nesse depoimento, observamos que o professor não traz muitas contribuições ao utilizar essa alternativa, apesar de dizer que "procura ajudá-lo na interpretação", o que de certa forma já deveria implicar trazer alguma atividade que permita ao aluno uma solução para o problema de interpretação. Nesse sentido, lembramos Lajolo quando, ao mencionar soluções apresentadas pelos professores para o trabalho com textos literários, afirma:

Trata-se, geralmente, de propostas que somam ao idealismo ingênuo, o imediatismo das soluções enlatadas: sugestões bem intencionadas (...) mas que lidam superficialmente com a questão, resolvendo o problema pelo seu contorno. (LAJOLO, 2004, p. 14).

Quanto à quarta alternativa apresentada, verificamos que encaminhar os alunos com dificuldades de compreensão e interpretação de textos para grupos de apoio ou reforço escolar tem sido uma alternativa que isenta o professor de na sua própria sala de aula enfrentar esse problema. É preciso ter cuidado com o aluno que apresenta problemas de compreensão na leitura, pois nem sempre retirá-lo da sala de aula pode trazer benefícios. A leitura de texto em sala de aula também é um momento de interação entre os alunos, hipoteticamente, o aluno que tem dificuldades de compreensão pode passar a interpretar e compreender melhor o texto através do contato com os outros alunos. Essa alternativa pode ser muito proveitosa em casos especiais, como o aluno que possui dislexia, ou ainda problemas em nível de decodificação. Ressaltamos aqui o que afirmam os PCN's acerca da importância de uma prática de leitura socializada:

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. **Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.** (PCN, 1997, p. 42) (grifos nossos).

Os PCN's deixam clara a importância de o trabalho com leitura envolver todos os alunos, incluindo aqueles que ainda não dominam a leitura, pois o contato entre os alunos permite o crescimento, especialmente, na parte de interpretação. Por tanto, é preciso ter cuidado quanto aos grupos de reforço escolar na parte de trabalho com textos, no sentido de não isolar o aluno dos demais.

Em relação à alternativa de se trabalhar agrupando os alunos a fim de facilitar a interpretação, entendermos como uma boa alternativa, já que os alunos terão uma maior liberdade de expressar opinião. No entanto, é preciso que haja supervisão e orientação do professor, para que não os alunos não fiquem dispersos, perdendo assim o foco do trabalho que é facilitar ao aluno a compreensão e interpretação do texto.

Considerações finais

As alternativas apresentadas pelos professores para o trabalho com leitura em sala de aula, em geral, têm a intenção de levar o aluno a compreender melhor o texto, mas, para maiores efeitos, necessitariam de um foco maior, ou seja, atividades mais direcionadas que permitissem aos alunos uma real interpretação do texto e não apenas uma releitura ou leitura de outros textos. Como afirma Lajolo, é preciso que as alternativas não caiam no idealismo ingênuo, nem em respostas imediatas, mas que busquem de fato resolver o problema do aluno, a fim de que, nesse jogo que é a leitura, possa haver interação e se chegar a um objetivo comum aos professores e alunos, que é a compreensão textual satisfatória para um e a consciência de um trabalho bem feito para o outro.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUSA, Maria Ester Vieira de Sousa. Projeto **Práticas escolares de leitura e discursos sobre a leitura**. Registrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2007.

ZILBERMAN & LAJOLO. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, 1996.